

Jornal escolar e o uso de tecnologias na produção textual

Kamila Girardi*

Resumo

O presente artigo abrange o desenvolvimento de um projeto denominado "Jornal Escolar" e a sua aplicação em três turmas de Ensino Médio de diferentes níveis: 1ª, 2ª e 3ª séries. Descreve-se, aqui, o trabalho de produção textual, visando a prática da língua escrita através dos mais variados gêneros textuais com que os educandos tiveram contato ao longo da sua formação. A metodologia atribuída ao projeto busca quebrar paradigmas acerca das aulas tradicionais de Língua Portuguesa, promover a pesquisa, inserir a tecnologia em sala de aula e incentivar a autonomia do aluno no reconhecimento das funções comunicativas de determinados gêneros textuais, instruindo-o para a adequação do gênero à situação de comunicação. Além disso, o projeto propõe envolver todas as áreas do conhecimento.

Palavras-chave

Produção textual, tecnologias, pesquisa, autonomia.

School journal and the use of technology in textual production

Abstract

This article covers the development of a project called "School Journal" and its application in three High School classes of different levels: first, second and third graders. The textual production work is described here, aiming at the written language practice through the most varied textual genres which the students had contact with throughout their education process. The project methodology aims to break the traditional paradigms of Portuguese Language classes, promote the research, introduce the technology in the classroom and encourage the independency of the student in recognition of the communicative functions of certain textual genres, teaching them to adapt the genre to the communication context. Besides, the project aims to involve all knowledge areas.

Keywords

Textual production, technology, research, autonomy.

I. INTRODUÇÃO

O projeto "Jornal Escolar" objetiva criar novos procedimentos para o ensino da Língua Portuguesa, tendo como perspectiva inicial a proposta trazida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, de que se deve trabalhar o texto como base, como o centro do estudo linguístico e, através dele, as competências comunicativas que devem ser desenvolvidas por um falante nativo apto a comunicar-se de forma clara, coerente, concisa e coesa em qualquer situação de interação social.

Com este trabalho, busco enfatizar a importância do gênero textual socialmente situado no domínio jornalístico, primando pela produção de gêneros que visam a veiculação de informações. Os gêneros textuais mais comumente utilizados em mídia jornalística impressa são bastante

diversificados, por abarcarem não só a formalidade da língua, em gêneros como o editorial, a reportagem e a notícia, por exemplo, mas por suportarem e aceitarem também a informalidade em gêneros como a charge e a crônica.

O principal objetivo da aplicação da proposta "Jornal Escolar" é desenvolver a competência discursiva escrita, habilidade que entendo ser o principal motivo pelo qual o estudo da língua se faz realmente necessário, embora não seja esse o único. Além disso, o estudo da Língua Portuguesa deve estar intimamente ligado às necessidades reais dos falantes nativos em suas práticas linguísticas cotidianas.

A elaboração de um jornal escolar não só proporciona aos alunos a possibilidade de se expressarem com liberdade, como também oportuniza uma visão crítica acerca dos usos que fazemos da língua. O aluno é motivado a produzir sobre

* Universidade de Caxias do Sul.

E-mail: kamila.girardi@gmail.com

Data de envio: 07/05/2017

Data de aceite: 09/06/2017

<http://dx.doi.org/10.18226/23185279.v5iss2p73>

assuntos que são do seu interesse, sem imposição de um gênero textual comum, uma vez que a escolha do gênero dependerá exclusivamente da mensagem e da maneira como o aluno irá divulgá-la.

Tendo em vista a importância de se trabalhar com gêneros textuais em sala de aula, fazendo da produção textual um exercício de aprimoramento das competências linguísticas do aluno, é primordial que se reflita sobre a exploração da escrita. De acordo com [1], a escrita é uma atividade que requer a interação entre duas pessoas: um escritor e um leitor. Para que faça sentido a elaboração de um texto, é fundamental que se leve em consideração o seu público-alvo. Ao escrevermos, fazemo-nos para que alguém leia. O jornal escolar proporciona essa interação, uma vez que a produção textual está diretamente voltada para um leitor (aquele que busca a informação). Para que o processo de escrita faça sentido para o aluno e para que o texto produzido atinja a sua função comunicativa, se faz necessário o envolvimento de um leitor no processo, pois, segundo [2] “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa”.

Para desenvolver um projeto de escrita, primeiramente devemos arquiteta-lo sob as seguintes perspectivas: escolha do assunto a ser tratado, os objetivos que queremos atingir ao abordarmos esse tema, o gênero adequado à situação de comunicação, a organização das ideias principais (para que o texto não seja apenas uma emaranhado de informações desconexas em entre si) e, por último, levar em consideração que haverá um leitor no processo e que o texto deve passar exatamente a mensagem pretendida pelo escritor.

Sabemos que muitos são os gêneros textuais conhecidos e outros tantos estão surgindo em decorrência dos avanços tecnológicos. De acordo com [3], os meios de comunicação em massa, tais como o jornal impresso, por serem bastante presentes e ganharem destaque nas atividades de comunicação sociais reais, abrigam novos gêneros. Para [3], os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente relacionados com a vida cultural e social, pois estabilizam as atividades de comunicação do dia a dia.

Quando da elaboração de uma mídia eclética como um jornal escolar, as possibilidades de gêneros que podem ser utilizadas são amplas. Os alunos são autores autônomos, capazes de escolher o que querem expressar da maneira como querem expressar. É claro que os gêneros textuais possuem formas pré-concebidas, mas nada impede a sua alteração para adequar à situação de comunicação.

Com a elaboração de mídia jornalística impressa, os alunos não só têm o contato com a produção textual em si, mas também com o uso de tecnologias que permitirão essa ação. Essas tecnologias, tão presentes na vida dos nossos alunos, são desmistificadas quando aliamos suas utilidades pedagógicas ao contexto de sala de aula. Sabemos que, mesmo com tantos recursos digitais, ainda é um desafio para o professor a proposta de apropriar-se deles para o trabalho, ou por falta de conhecimento de como manuseá-los, ou por não saber como introduzi-los em suas aulas de forma a suscitar conhecimento. A internet é um mundo de amplas possibilidades a serem exploradas e os aparelhos como notebooks, tablets e smartphones, devido à grande praticidade, são instrumentos que não só propiciam acesso à

informação de forma imediata, como facilitam a produção de material escrito. Para um projeto que envolve tantos recursos, como a elaboração de um jornal, a tecnologia é fundamental para que o processo culmine ao resultado esperado.

II. JORNAL NA PRÁTICA

A proposta de desenvolver um projeto para criação de um jornal escolar foi elaborada por mim e vivenciada pelas turmas de Ensino Médio com as quais trabalho em determinada escola da rede particular de ensino. A fase inicial do programa contemplou a divulgação da ideia da fabricação de um jornal em que os próprios alunos assumiriam as editorias, de acordo com seus interesses e afinidades.

A primeira ação desenvolvida foi possibilitar aos alunos o contato com a realidade de um jornal. Em um primeiro momento, convidamos uma profissional, graduada na área do jornalismo, para pormenorizar as ações desenvolvidas pelo jornalista nos meios de comunicação. A visita proporcionou uma visão ampla de como se elabora a mídia impressa, a composição da equipe de editores e revisores e o processo de criação desde a montagem até a impressão. Após os esclarecimentos da profissional convidada, os alunos tiveram contato com o material impresso, cortesia de um jornal local, para que pudessem manuseá-lo, observando suas características e, principalmente, seu conteúdo. Além da conversa com a mencionada profissional, outros dois jornalistas participaram do projeto através de vídeo previamente gravado. Um deles, editor de mídia online e, o outro, repórter e apresentador televisivo, ambos jornalistas por formação, que expuseram suas atribuições, ampliando assim, a visão dos alunos sobre a profissão e as possibilidades de atuação junto ao mercado.

A segunda ação desenvolvida, foi a mobilização das turmas para o reconhecimento da elaboração do jornal. Os alunos foram incentivados a pesquisar por diversas maneiras de projetar uma mídia impressa, estudo esse que engloba desde os gêneros textuais mais adequados ao contexto comunicativo até a simples formatação do texto no papel. Alguns sites com conteúdos voltados diretamente ao assunto foram selecionados e repassados para que os alunos pudessem, com liberdade, manuseá-los e, com autonomia, decidir sobre a utilização dos materiais disponíveis, julgando o que seria pertinente ao projeto em que estavam engajados. O envolvimento na pesquisa proporcionou segurança na atribuição das funções: alguns se sentiram mais à vontade para produzir matérias mais longas, outros para criar layouts de acordo com as editorias e, ainda, houve aqueles que utilizaram suas habilidades artísticas para elaborar gêneros mesclando texto e desenho.

Após a pesquisa de projeção da mídia impressa, a terceira ação foi a produção textual. Nessa etapa, os alunos foram incentivados a utilizar, em sala de aula, notebooks, tablets e smartphones para auxiliá-los na pesquisa e na elaboração dos textos. Comprova-se, com as atividades aqui desenvolvidas, que o uso de tecnologias em sala de aula é muito produtivo mediante planejamento e combinações previamente estabelecidas. Os smartphones, tão presentes na vida dos

nossos alunos, passam a ser não só aliados da educação que permite o acesso à tecnologia, mas desmistificados pelos próprios alunos como objeto de utilidade que vai além da simples consulta a redes sociais. Para implantar o smartphone como objeto de trabalho em sala de aula, sem que isso prejudique o bom andamento das atividades, é preciso tratá-lo como equipamento de suporte à pesquisa. Além disso, para a produção de um jornal, o aluno pode utilizar o equipamento não só para a elaboração do texto, mas para diversos outros fins, como por exemplo, para captar imagens que irão acompanhar as matérias.

O momento da produção textual é, sem dúvidas, o mais importante na proposta, pois o aluno deve decidir o assunto sobre o qual irá escrever, o gênero textual mais adequado à situação comunicativa, além de demonstrar a autonomia pela busca de informações coerentes. Nessa etapa foi fundamental a orientação da professora em todos os sentidos, desde as escolhas dos temas até a produção final. É importante ressaltar que o envolvimento foi tamanho que, inclusive, foram agendados horários extraclasse para orientação de pequenos grupos, a fim de garantir a qualidade das produções textuais e a confiabilidade das informações veiculadas.

A quarta ação do projeto foi avaliação dos textos. Nessa etapa, os alunos tiram contato com as criações uns dos outros, com o intuito de criticar (positiva ou negativamente) o trabalho dos colegas e a fim de sugerir os melhoramentos necessários. Após essa socialização, todos enviaram as produções textuais para a professora, por correio eletrônico, para receber a aprovação da publicação, a revisão ortográfica e gramatical e as orientações para a retextualização.

A quinta e última ação, foi o processo de criação de título e layout, trabalho desenvolvido por alunos que se candidataram para elaborá-los. A organização dos textos foi realizada por uma equipe pré-selecionada que fez a compilação de todo o material enviado. É importante ressaltar que, durante o processo, verificou-se a adesão cada vez maior dos alunos que procuravam, de forma voluntária, maneiras de participar da projeção da mídia impressa.

III. RESULTADOS

A aplicação do projeto que objetivava incentivar a pesquisa, o uso de tecnologias aliado à educação, a autonomia do educando na busca por informações e a qualidade da produção textual, foi atingida com o êxito esperado.

Alguns textos publicados no jornal seguem como exemplo da boa qualidade das produções textuais dos alunos, bem como para demonstrar o nível de pesquisa em que se engajaram.

O primeiro exemplo é de autoria da aluna Pietra Dal Sasso Quintans Graça, da 3ª série do Ensino Médio:

INIMIGO OU AMIGO PÚBLICO?

Muitas pessoas, ao se depararem com embalagens que contém um símbolo amarelo com a letra “T”, perguntam-se o que esse pictograma significa e de que maneira ele interfere na alimentação. Esse “T” é utilizado para a

identificação dos produtos transgênicos, ou seja, alimentos modificados geneticamente em laboratórios. Os alimentos transgênicos foram desenvolvidos com o objetivo de aumentar a resistência a pragas e doenças, para diminuir o uso de agrotóxicos favorecendo o aumento da produtividade e, conseqüentemente, do lucro. Porém, esse tipo de tecnologia agrícola, utilizada em muitos países, inclusive no Brasil, resultam em polêmica, pois ainda não há consenso na comunidade científica sobre a segurança desses alimentos para a saúde humana e para o meio ambiente.

O Greenpeace, uma organização global independente, cuja missão é proteger o meio ambiente e inspirar mudanças para um futuro mais verde, defende um modelo de agricultura baseado na diversidade agrícola, logo, acredita-se que o uso de transgênicos possa ser muito prejudicial ao meio ambiente e para a saúde. Dentre os principais efeitos negativos, destacam-se:

Pelo fato de serem resistentes aos agrotóxicos, o uso contínuo das sementes transgênicas leva à resistência de ervas daninhas e insetos, o que induz o agricultor a aumentar a dose dos agrotóxicos ao ano e, em consequência dessa utilização indiscriminada, acabam contaminando o solo e pondo em risco a biodiversidade.

Os transgênicos aumentam a resistência a antibióticos, pois, para poder ter certeza da eficácia da modificação genética, são introduzidos genes de bactérias resistentes a antibióticos e, com isso, o consumidor também pode se tornar resistente aos antibióticos prejudicando a saúde.

Apesar de não haver informações científicas suficientes sobre todos os efeitos dos transgênicos na saúde humana, alguns fatores puderam ser observados. Quando se insere um gene de um ser em outro, há formação de novos compostos nesse organismo, podendo ocorrer a produção de novas proteínas alergênicas ou de substâncias que provocariam efeitos tóxicos não identificados em testes preliminares.

Por outro lado, existem estudos que apontam muitos benefícios aos transgênicos e acusam o Greenpeace e demais ONGs “antitransgênicos” de apontar os riscos e impactos sem ter comprovações. Nesse contexto, os benefícios que merecem destaque são:

O arroz dourado é uma variante criada em 1999 com genes modificados para produzir um precursor da vitamina A, que pode reduzir o número de crianças que sofrem de carência dessa vitamina, que causa cegueira e problemas oculares.

Os transgênicos podem ser uma solução ao problema da fome enfrentado no mundo, pois podem levar ao aumento da produção de alimentos. Além disso, o seu custo é baixo.

Tendo em vista os prós e contras desse tipo de alimento, cabe ao consumidor eleger consumi-los ou optar pelos alimentos orgânicos. Portanto, devido à falta de comprovações sobre os malefícios e benefícios, fica clara a importância de os produtos transgênicos possuírem rótulos com informações para o consumidor. A descrição da composição do alimento e o gene que foi inserido no produto devem ser informados.

O segundo exemplo é de autoria dos alunos Ellen Ilha de Andrade e João Vítor Biazussi da Silva, da 2ª série do Ensino Médio:

A PSICOLOGIA EM QUADRINHOS

Internet, cinema, notícias, atualmente têm se destacado diversas informações curiosas do mundo geek, desde o explosivo sucesso de filmes de heróis até jogos de suicídio e palhaços macabros. Diante disso, vamos, do interessante ao mórbido, unir esses assuntos, tratar do humor e autossatisfação, nas personagens, em seu aspecto mais psicótico e perturbador. O Coringa, príncipe palhaço do crime, a princípio um simples vilão de quadrinhos do Batman, possui, no entanto, uma profundidade inimaginável.

Inimigo mortal do Homem morcego, o Coringa é comumente visto como insano, desde seus atos, seus trajés, e sua teoria de que “um dia ruim é tudo que lhe diferencia do dito normal”, até sua eterna risada e, principalmente, o motivo dela.

Para explicar as ações da personagem, ninguém melhor do que o pai da psicanálise e sua definição de ID, ego, e superego, em que o primeiro seria a parte mais primitiva do cérebro, a origem dos impulsos e desejos que não chegam a consciência ou que são por ela reprimidos, resumidamente, o princípio do prazer sem medir esforços. Em contrapartida, o superego teria a função de controle, sem visar essencialmente a moral, mas sim um ideal, uma justiça além da justiça, no caso, um herói que vai além do sistema. Tudo se torna mais claro se analisarmos a função do ego, de equilibrar os anteriores, pois a censura excessiva pode gerar respostas extremas do ID, como psicose, algo que nos quadrinhos é representado pelo Batman, que cria sua nêmesis através da repreensão exagerada que causa.

Com o passar dos anos, o Coringa apresentou-se em inúmeras versões, desde um piadista brincalhão até um genocida cruel, devido a isso, naturalmente, existem gritantes diferenças entre suas aparições, o fato de, por vezes, ele quebrar a quarta parede falando diretamente com o público leitor, tal ação gerou a teoria de super sanidade, que alega que o Coringa seria, na verdade, mais ciente do mundo do que qualquer outro e, assim, saberia que tudo a sua volta tratar-se-ia de mera ficção, porém essa ideia possui falhas considerando que nem sempre ele segue o padrão de se direcionar ao público e dialogar com o mesmo. Contudo, ergueu-se um fato: o coringa não é insano nem ao menos apresenta características de insanidade, como alucinações, melancolia, paranoia ou fobias sem motivos.

O mais incrível é que, mesmo com tantas mudanças, existem sim características comuns às versões do palhaço, entre elas, destaca-se seu narcisismo, egocentrismo, falta de empatia e, principalmente, o humor. Os três primeiros muito remetem à psicopatia, tornando-o alguém não insano, mas inteligente o bastante para fingir insanidade e, o último, que é praticamente seu símbolo, deve ser analisado.

Como diria Schopenhauer, o humor é resultado da contradição, aquilo que devia ocorrer e o que ocorre. Indo além de Freud, que afirma que o humor se compara ao sonho, em que o inconsciente pode aparecer sem consequências ou censuras, o que é ainda melhor visto em

sua comparação de que o sonho é a porção necessária e cotidiana de loucura do indivíduo. Em resumo, o humor seria a contradição entre verdades profundas, ideias superficiais e valores tradicionais. Com essa visão um tanto quanto niilista, pode-se trazer a seguinte percepção do filósofo Nietzsche: “eu até me permitiria uma hierarquia dos filósofos de acordo com seu riso, chegando até aqueles com a risada de ouro e supondo também que os deuses filosofam. Não duvido que saibam rir de maneira nova e sobre-humana e às custas de todas as coisas sérias”; que muito lembra uma frequente frase do coringa “It’s all a joke”, em que afirma que o mundo nada mais é a ele do que uma grande piada. Isso expõe seu niilismo, presente em todas as versões da personagem, apenas em diferentes intensidades.

Dito isso, pode-se dividir o príncipe palhaço em três personas de acordo com as características do ID. O brincalhão, que busca saciar seus desejos; o gênio do crime, que age em resposta ao agente de repreensão; e, por último, aquele que possuiria o maior conhecimento de si e do mundo e busca mostrar as contradições da sociedade. Essa percepção nos leva a observar uma relação entre o niilismo e a atuação do ID, pois quanto mais se nega os ditos sociais, menor será a validade do superego e, por consequência, maior será a influência do ID, que pode causar forte oposição a tudo que lhe for diferente.

Após todo esse estudo, podemos encerrar o diagnóstico, caracterizando o Coringa, não como louco, mas sim como um caso de super sanidade, uma visão superior da realidade, tendo em vista que a mesma pode vir a fazer pessoas agirem como loucas ou no mínimo anormais, o que pode ser visto no caso do próprio Nietzsche que antes de seu colapso já era considerado por muitos como estranho ou até mesmo insano.

O terceiro e último exemplo é de autoria da aluna Luísa Fracalossi Reinbrecht:

Editorial - Feminismo

Nossa sociedade atual é bela, simpática, amigável e, após afirmar isso, devo alegar que somos todos mentirosos. Concordo que, às vezes, é mais fácil colocar todos os nossos problemas dentro de uma caixinha e mantê-la trancada para sempre com um cadeado enorme, mas já parou para pensar o quanto você sofre por ignorar todas essas complicações apenas pelo medo de enfrentá-las?

Na minha opinião, um dos maiores problemas com os quais lidamos é a desigualdade. Por causa dela construímos barreiras e criamos desgosto por pessoas que são exatamente iguais a nós. Muitas vezes, deixamos-nos enganar que as injustiças só acontecem longe de onde estamos, que nunca seremos afetados, e é por isso que decidi escrever sobre esse assunto. Mais especificamente sobre a dificuldade que muitos de nós ainda têm para enxergar o mesmo potencial nos dois sexos, e o que considero ser a solução para esse problema: o feminismo.

Gostaria de pedir para que você pense em cinco mulheres que conhece e, agora, devo avisá-lo(a) que uma delas possivelmente foi, ou será estuprada durante sua vida. É duro de aceitar, mas é a verdade. Supondo-se que você assista a algum tipo de série, documentário ou até mesmo

novela que dure cerca de 45 minutos, provavelmente me diria que aproveitou bem o seu tempo, que se divertiu. No entanto, preciso informá-lo(a) de que, no Brasil, durante esse curto período, quatro pessoas do sexo feminino foram violentadas e elas não podem concordar com você sobre terem se divertido, porque não pediram por isso, foram forçadas. De qualquer modo, outro fato que realmente deveria preocupar as pessoas, é que, no nosso país, a cada 1 hora e 30 minutos mais uma mulher, uma mãe, uma irmã ou uma amiga não sobrevive aos maus-tratos de um homem.

É claro que, além destas situações citadas, existem milhares de outras em que podemos ver a injustiça sendo praticada, mas gostaria que você lembrasse que não é apenas com as mulheres que isso acontece, afinal, quem nunca viu algum garoto ser motivo de risadas por demonstrar seus sentimentos, ou chorar? Por que é estranho vê-los usando roupas cor de rosa? Qual é o problema de um menino não gostar de ser agressivo?

Em todo o caso, não quero que entenda que o problema está só na sua cidade, no seu estado ou no seu país, mas no nosso mundo. Antes de sermos divididos por diferentes nacionalidades, etnias, raças e culturas, todos vivemos no mesmo planeta, todos somos humanos.

Mulheres e homens jamais serão iguais sob hipótese alguma, mas, por ambos serem pessoas e terem sentimentos do mesmo jeito, concordo com a igualdade dos sexos, concordo com o feminismo. Eu acredito que não hoje, mas algum dia poderemos fazer o bem sem demasiados esforços, e é disso que as mulheres africanas que não tem acesso à uma educação completa, precisam. É disso que as mulheres que recebem menos salário do que os homens pelo mesmo

trabalho, precisam. É a humanidade de que todos nós precisamos.

Referencial consultado pelos alunos:

<http://psicologia-ro.blogspot.com.br/2013/02/coringa-e-o-arquetipo-do-louco.html>

<https://www.dicio.com.br/sanidade/>

<http://divaodescritor.blogspot.com.br/2009/01/id-x-superego-em-batman-o-cavaleiro-das.html>

<http://seuart.org/magazine/64378/ladies-and-gentlemen-hobos-and-tramps-cross-eyed-mosquitoes-and-bowlegged-ants-loving-that-joker-but-which-one/>

<http://seuart.org/magazine/60541/peaslee-and-weiner-on-joker-serious-study-of-clown-prince-of-crime/>

<http://seuart.org/magazine/40157/perfect-chaos-why-the-joker-is-the-greatest-comic-book-villain/>

<http://seuart.org/magazine/52185/theorizing-about-the-joker-in-all-seriousness/>

<http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-e-ego-id-e-superego/>

<http://psicoativo.com/2016/05/resumo-id-ego-e-superego.html>

<http://filosofia.cesecaieiras.com.br/freud-id-ego-e-superego>

<http://psicoativo.com/2016/07/teorias-de-freud-resumo-teorias-freudianas.html>

<http://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-as-pessoas-entendem-errado-sobre-o-coringa.html/4>

<https://sindicatonerd.com.br/conheca-o-personagem-coringa/>

<http://www.momentumsaga.com/2013/08/analise-do-inimigo-o-coringa.html>

https://pensador.uol.com.br/autor/friedrich_nietzsche/biografia/

IV. CONCLUSÕES

O uso de tecnologias em sala de aula é cada vez mais requerido pela geração Z. Aliar-se ao que é inevitável faz com que consigamos uma aproximação maior dos nossos alunos com os objetos de estudo aos quais são submetidos e ampliemos as possibilidades de aprendizagem. Se faz necessária uma reavaliação dos processos utilizados em sala de aula, levando-se em consideração o avanço tecnológico que tivemos no mundo nos últimos vinte anos. Se resistirmos ao implantar procedimentos que condizem com a realidade dos educandos, muito provavelmente estaremos nos posicionando contra uma evolução natural. É imprescindível inserir a tecnologia em sala de aula, fazendo do seu uso parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem. As tecnologias, quando bem utilizadas, proporcionam um contato muito maior com o mundo e praticidade na busca por informações. Apropriar-se de ferramentas que dinamizem a aula, diversificar as metodologias levando em consideração a realidade do aluno e ampliar as fontes de aprendizado são elementos fundamentais para a construção do conhecimento.

V. BIBLIOGRAFIA

[1] ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 203, p. 44-66.

[2] _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009, p.49-73.

[3] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.